

VITRINE LITERÁRIA: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

LITERARY SHOWROOM: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Francisco Grijó*

Começa agora *Vitrine Literária* com o professor e escritor Francisco Grijó. Tudo sobre literatura contemporânea: temas, autores, obras, debates, análises, curiosidades e bate-papo com autores e editores.



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária*, de maio de 2023,
com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro.

¹ FOLHA Vitória. *Vitrine Literária*: Francisco Aurelio Ribeiro. Entrevista a Francisco Grijó. Vitória, 24 maio 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ss_N3Cq_e5dU&t=1291s>. Acesso em: 11 abr. 2025.

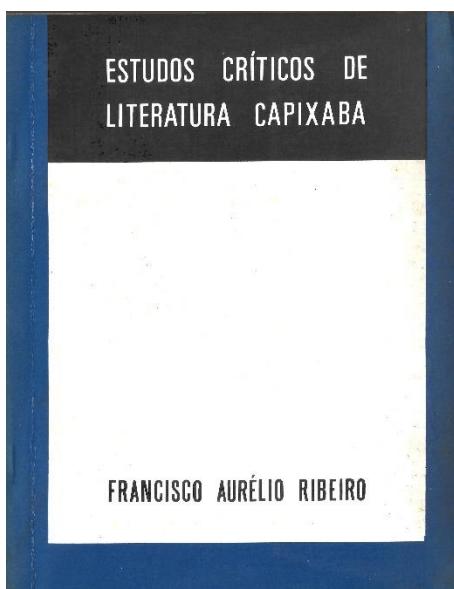
* Escritor, membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL).

Francisco Grijó (FG): Olá, pessoal, mais uma edição do *Vitrine Literária* com Francisco Grijó, aqui pela Rede Vitória, podcast, YouTube. Bem, hoje eu vou direto para o entrevistado, o nosso convidado, que foi meu professor na Universidade Federal do Espírito Santo, é uma figura representativa em termos literários e em termos críticos, ou seja, de crítica literária, algo que falta muito ao Espírito Santo. Nós não temos mais grandes críticos; aliás, eu diria até que nós não temos mais críticos literários no Espírito Santo, nem em jornal nem na academia, ou seja, está faltando realmente a crítica. Crítica é importante? Eu acho que sim. É o que nós vamos discutir hoje. Mas quem é essa figura, Grijó? Essa figura se chama Francisco Aurelio Ribeiro, que é membro da Academia Espírito-santense de Letras, foi presidente da Academia, é professor aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo, professor de Teoria Literária, professor de Literatura Brasileira, escritor prolífico, cronista, contista, só não escreveu romance. Acho que você nunca escreveu romance, né?

Francisco Aurelio Ribeiro (FAR): Não, romance, não.

FG: E o Chico Aurelio também escreveu para crianças, é um autor que tem um lugar consagrado na literatura infantil e na literatura infanto-juvenil. Então, hoje a gente vai conversar com ele, mas eu vou começar a falar justamente sobre a questão da crítica. Os irmãos Campos diziam que crítica era metalinguagem, ou seja, escrever sobre uma determinada obra é você fazer metalinguagem, e eu concordo absolutamente. A questão que passa é: quem ainda tem disposição para isso? Chico Aurelio, nos anos 80, nos anos 1980, lançou um livro – que causou muito furor dentro da academia e também fora dela – chamado *Estudos literários [críticos de] sobre literatura capixaba*. Nesse livro, inclusive, eu sou citado e eu gostei muito do que ele falou sobre mim, porque o Chico Aurelio foi de uma honestidade muito grande. Eu tinha lançado apenas um livro, e tinha aquela natural arrogância dos escritores iniciantes, e Chico deixou isso claro para mim, nesse livro, dizendo “Grijó tem um grande futuro, se a arrogância da

juventude não o atrapalhar". Eu nunca esqueci isso, porque foi muito importante ler isso aí, vindo justamente de uma figura que tinha uma bagagem cultural para poder fazer essa afirmação. Eu tô aqui com Chico Aurelio e, Chico, eu vou começar conversando com você justamente, diretamente sobre isso. Você escreveu sobre crítica literária, você fez crítica literária arguta, inteligente para leitores inteligentes sobre escritores que você considerava importantes, mas você parou com isso. A questão é: por que você não continua essa ideia?²



Capa de *Estudos críticos de literatura capixaba* (1990), de Francisco Aurelio Ribeiro.

FAR: Grijó, há vários fatores. Em primeiro lugar, a crítica, ela exige muito, ela exige muito conhecimento, porque você tem que conhecer não só a obra do autor, como você tem de conhecer uma teoria pertinente àquela obra, porque, na verdade, cada obra te induz a uma leitura, a um tipo de leitura. Então eu, na verdade, eu não parei definitivamente com a crítica, porque eu continuo muito fazendo prefácio de livro que as pessoas me pedem. Mas eu só faço isso hoje quando eu tenho interesse em fazer, porque não dá mais para você fazer um

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.), frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

prefácio de um livro, uma crítica de um livro de um escritor iniciante, por exemplo, e falar o que eu falei com você, hoje, sem que eu não seja colocado de escanteio – ou como é que se diz hoje? É quando... *cancelado*, sem que você seja cancelado, entendeu? Porque hoje as pessoas só querem ouvir elogios; essa rede social acabou criando o culto do eu-eu-eu, que é uma coisa terrível. Então, eu acho difícil hoje fazer até a crítica literária, por isso. Então, o que eu vejo é muito compadrio, é guetos se autoelogiando, e isso não é pertinente a uma crítica, pelo menos a crítica no sentido que eu entendo. A gente estudava muito; você começava com Aristóteles e tudo, para poder analisar um livro. Então, não vejo muito espaço para isso hoje em dia, não. Não parei totalmente, mas não é uma coisa hoje mais que que me faz tomar muito meu tempo.

FG: Mas aí que vem uma pergunta, uma pergunta, eu afirmo e considero uma pergunta que vai me satisfazer muito particularmente. Mas você não acha que, justamente por isso, é que uma figura como você, com toda essa bagagem que você tem e com todo prestígio que você tem na crítica literária, não seria interessante você continuar com isso, justamente para combater essa ideia desse compadrio?

FAR: Pois é, Grijó, mas eu vejo... Por exemplo, eu fui um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em Letras, em 1994. Vai fazer 30 anos agora que nós criamos o Programa de Pós-graduação. Eu fui orientando da Regina Zilberman, e a Regina, na época, era representante da Letras na Capes. Ela me chamou, no dia da minha defesa, e falou: “– Chico, você tem uma responsabilidade muito grande; o Espírito Santo é o único estado da região sudeste que não tem programa de pós-graduação em Letras”. Eu falei: “– O quê?”. Ela falou: “– É. Você tem que voltar para lá e criar esse programa”. Isso foi em 1990...

FG: Nas universidades públicas?

FAR: Públcas, mas o Espírito Santo só tem universidade pública...

FG: Não, mas no Sudeste...

FAR: Não, ela falou que o Espírito Santo não tinha programa de pós-graduação em Letras, a questão era essa. E aí eu vim empenhado nisso. Mas nós tivemos muito problema no departamento [de Línguas e Letras], porque o nosso departamento era muito mais dominado pela Gramática do que pela Literatura.



Prédio da Reitoria da Universidade Federal do Espírito Santo (Foto sem crédito) e Prédio de Letras Bernadette Lyra, à direita (Foto de Paulo R. Sodré).

FG: Certo, certo.

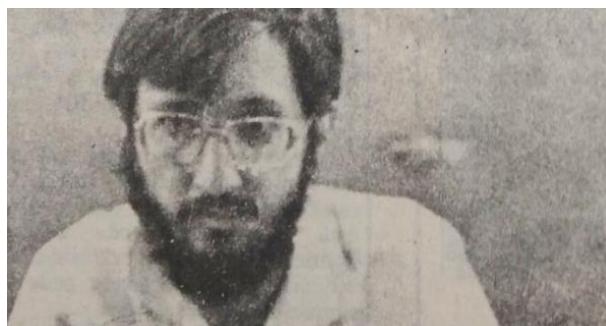
FAR: Entendeu? Havia figuras como José Augusto [Carvalho], Carlos Laet, que eram figuras dominantes, Vera Marina Monjardim, todas ligadas à Gramática, ao estudo linguístico da língua. E nós, você sabe muito bem, que nós da área de Letras, ou a gente é gramatiqueiro ou é "literatureiro", ou seja, a gente se divide.

Bom, o que eu observo agora desses 30 anos do Programa de Pós-graduação em Letras é que o Programa não formou críticos. Então, observe, eu vejo as dissertações e as teses que são defendidas, quando... só pelo título eu não tenho vontade nem de ler, porque a pessoa se aprofunda tanto sobre determinadas coisas que eu confesso que eu vejo muito assim aquilo que Foucault chamava de “niilismo de cátedra”, sabe? Me parece que é uma muita teoria sobre nada...

FG: Eu me lembro, Chico, que era tão importante o seu trabalho, que eu me lembro que você foi o primeiro a estudar a minha geração, eu, Paulo Sodré, Waldo Motta, aquela rapaziada que tava começando a escrever e que precisava de um olhar sobre ela justamente para saber se a gente devia ir adiante ou não. Eu me lembro de várias vezes você citando que aquela geração, a geração que você chamava “Geração de 80” – aliás, é um termo seu –, que foi uma grande geração, e teve Deny Gomes como uma figura, uma mentora, e assim por diante. Você não vê isso hoje? Você não vê um grupo de escritores que hoje pode brilhar mais tarde?

FAR: Grijó, o que eu vejo é o seguinte: aquela geração, ela teve um sentido político muito grande, porque foi a geração da abertura, 79 acabou, a censura, e 80 começou aquele movimento da democracia que eles chamavam de ampla e gradual... tinha uns termos assim que os militares usavam. Então, aquela geração, a Geração de 80, ela marcou para mim, ela foi definitiva aqui no estado porque ela foi um marco não só literário, não só de criação literária, mas também um marco político. E teve uma série, vamos dizer assim, de fatores: a própria Editora da Universidade...

FG: Tinha a Fundação [Ceciliano Abel de Almeida], né?





Prédio onde funcionava, nos anos de 1980, a editora da Fundação Cecílio Abel de Almeida (FCAA), cujo editor, Reinaldo Santos Neves (Foto sem crédito), foi responsável pela publicação dos quarenta títulos da Coleção Letras Capixabas (Foto de Pedro J. Nunes).

FAR: ...o momento de crescimento que a Universidade passou, aquilo tudo. A partir dos anos 90 a gente entra no processo de crise. Essa crise começa exatamente em 90, com Collor, quer dizer, o auge dessa crise foi com aquela desgraça daquele governo do Collor. Depois daquela, outra desgraça foi o governo do Sarney. Então, tudo isso influenciou muito não só a questão cultural como também a questão política, vamos dizer assim, e aí depois vem a internet. A internet, ao mesmo tempo que ela é uma grande aliada da juventude hoje, por outro lado, ela matou muito a literatura; ela matou, porque hoje as pessoas, elas têm seus blogs, ela tem seus sites e curtem. E, aí, aquilo... não existe mais uma geração; existem guetos; existem grupos.

FG: Você não concorda que a internet difunde mais do que o livro?

FAR: Olha, eu acredito que ela difunde a obvialidade, ela difunde a superfície; eu não acredito que a internet contribua para aprofundar nada. Por sinal, o que eu observo é que as pessoas estão lendo muito pouco coisas que realmente deveriam ler; elas leem muito coisas óbvias e eu acho que perdem muito tempo. Um livro demanda muito tempo.

FG: Sim.

FAR: Eu li essa semana *A guerra não tem rosto de mulher* daquela bielorrussa que ganhou Nobel de Literatura em 2015, eu não lembro o nome – esses nomes, muitos são complicados [Svetlana Aleksiévitch] –; eu fiquei uma semana lendo o livro, lendo assim em estado de transe, porque o que ela descreve eu nunca tinha lido na minha vida: a história da guerra contada do ponto de vista da mulher, a mulher na linha de frente; a gente sempre viu a guerra com uma coisa masculina. Então, eu acredito, Grijó, que para você entrar na literatura, você tem que ter tempo, você tem que se dedicar a ela, e não é isso que eu vejo nos dias atuais. Inclusive, vejo até em relação às crianças...

FG: E é isso que desestimula você a fazer crítica?

FAR: Muito, muito, desestimula muito. Olha, Grijó, para você ter uma ideia, nós não temos mais livrarias em Vitória que vendem autor capixaba, não tem.

FG: Nós não temos as livrarias, né? Praticamente.

FAR: Vamos dizer, as que sobraram, que são livrarias de shopping; elas não vendem autor capixaba. Então, nós não temos livraria; os municípios, todos os municípios tinham biblioteca pública, não têm mais. Dos setenta e oito municípios, não tem mais. Estão fechando livrarias, fechando bibliotecas; as bibliotecas estão vazias. Eu tenho ido à Biblioteca Pública Estadual, para pesquisar, é um deserto... Então a coisa migrou da palavra impressa para esse tipo de comunicação hoje: todo mundo grudado no celular o tempo todo, todo mundo repassando, mas é tudo muito na superfície.

FG: Chico, olha só, um dia desses nós conversamos eu, você, o Adilson [Vilaça] estava também nesse papo, Álvaro [José Silva], mesmo que fosse uma conversa virtual, mas nós chegamos a uma discussão em que eu falei: “– Eu quero que o Chico vá ao programa, para a gente poder abordar isso”. Que é o que que nós

queremos? O que que a Academia quer? O que que a Academia Espírito-santense de Letras faz de positivo para que a gente possa difundir o autor capixaba e fazer o autor capixaba chegar à cabeceira do leitor?



Academia Espírito-santense de Letras (Fotos sem crédito).

FAR: Eu acho muito difícil, até pela experiência que eu tive... até por esse contexto que a gente vive. A Academia, ela não se moderniza, ela não tá ligada a esse mundo que a gente está vivendo hoje e, você sabe, é uma entidade paupérrima, e cada vez eu acho mais difícil fazer com que o que a gente faz chegue a esse público de hoje em dia, a esse leitor de hoje em dia. Então, eu confesso para você que eu não sei. Eu tô chegando à velhice, eu acho que não cheguei ainda, porque eu tô com 67; eu acho que a velhice começa mesmo com 70. Alguns até conseguem estender mais, mas eu já tô me preparando para entrar nessa velhice que é essa parte de desalento, mas eu já tô bastante desalentado com que eu vejo, com muito que eu vivo. Eu sempre acreditei muito

na literatura, no poder transformador do mundo através da leitura, da responsabilidade social que o escritor tem. Eu sou de uma geração que foi criada lendo esses autores. Eu sou de uma geração, a geração do Sartre, a geração que falava o tempo todo em engajamento.

FG: É, mas você faz uma coisa que... Ah, desculpa, desculpa, conclua.

FAR: Só para concluir: então, o que eu vejo hoje é que a Academia, ela está tão estilhaçada como o mundo que a gente vive; a gente não consegue mais ser um bloco homogêneo, não; a gente se vê como é que nós estamos. E outra coisa: e uma subjetividade muito grande, sabe?, muito eu-eu, muito narcisismo não só na academia, mas no mundo que a gente está vivendo. Por sinal, é o próximo tema da minha crônica – eu continuo escrevendo crônicas... – num próprio tempo eu quero falar disso, desse mundo extremamente narcísico que a gente vive.

FG: É interessante que você se diz desalentado, você se diz decepcionado, mas você continua produzindo biografias literárias, cujo objetivo é justamente

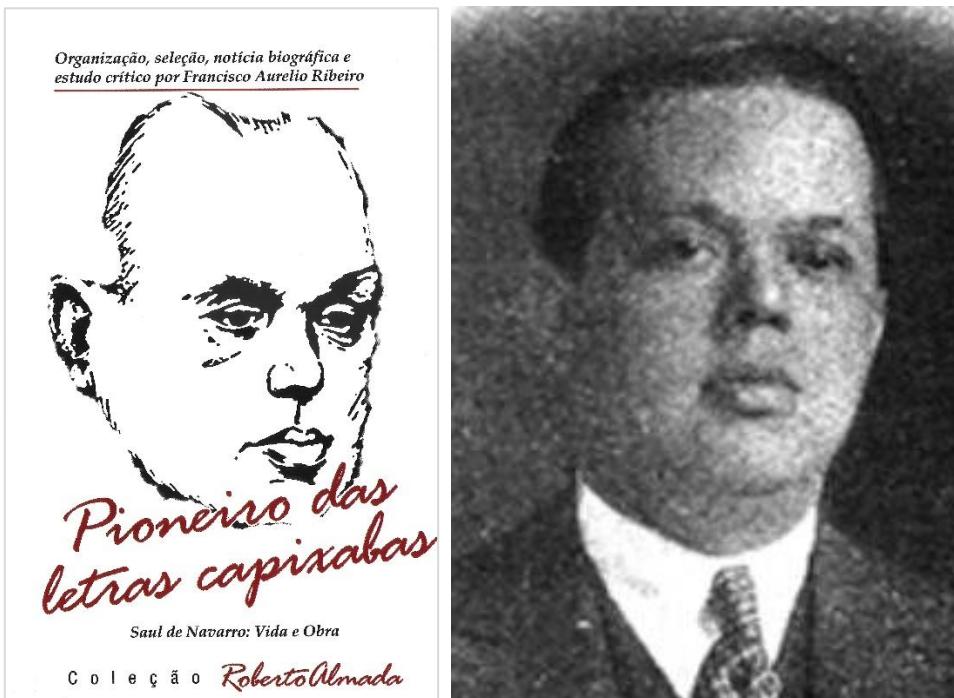
FAR: Reler...

FG: ...e informar sobre algumas figuras. Eu queria que você mostrasse aqui, Chico, olha só...



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária* com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Francisco Grijó.

FAR: Grijó, olha, é aquilo que eu digo, eu ainda não entrei... essa, por exemplo, é a biografia do Saul de Navarro. Eu fiz durante a pandemia. Ninguém sabia mais quem foi Saul de Navarro, o nome de uma rua na Praia do Canto.



Capa de *Pioneiro das letras capixabas – Saul de Navarro: vida e obra*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e retrato do autor (Foto sem crédito).

FG: Eu vou confessar aqui. Aqui está a biografia [mostrando a capa do livro sobre Saul de Navarro]. Eu vou confessar uma coisa: quando eu fui eleito para a Academia Espírito-santense de Letras, eu fiquei com uma determinada cadeira, como todos ficam, e um dos membros anteriores dessa cadeira era o Saul de Navarro, que eu fui pesquisar, e é um pseudônimo e é o nome de uma rua, onde fica, inclusive, a minha barbearia.

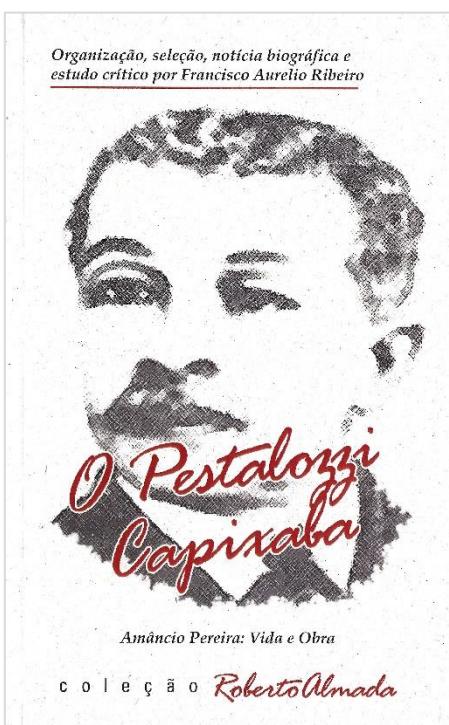
FAR: Álvaro Henrique de Souza.

FG: Exato. Essa é a minha questão: você tem um desalento, mas contraditoriamente você apresenta ao leitor figuras que são importantes para a literatura.

FAR: Com certeza.

FG: Esse seu projeto de resgate, esse seu projeto é... mostra um Francisco Aurelio que ainda tem esperança.

FAR: Sim. Não, eu não perdi a esperança, porque eu acho que eu só vou perder na hora que eu estiver assim: "Descansou". Aí, sim, quando debaixo de uma lápide "Descansou", porque realmente, aquilo que eu disse para você, a velhice tem muito a ver com esse desalento. Eu não sou um... não estou me preparando para ser "um velho bobo", conforme eu vi isso de um colega escrevendo nas redes sociais: que a Academia tá criando "velhos tolos". Eu não quero ser um "velho tolo" e eu acho que uma das maneiras que a gente tem de não ser um "velho tolo" é exatamente isso: tentar entender até o que nós somos. Então, esse projeto de resgate de pioneiros da Academia me dá muita satisfação fazer isso. Quando eu escrevi sobre o professor Amâncio Pereira, eu descobri que o professor Amâncio Pereira foi o maior escritor da época dele e era o primeiro escritor negro do Espírito Santo, e ninguém falava disso. Pelo contrário, a própria família, que leva o sobrenome dele, foi branqueando com o tempo, foi embranquecendo e, de uma certa maneira, apagando essa negritude do velho Amâncio.



Capa de *O Pestalozzi capixaba – Amâncio Pereira: vida e obra*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e retrato do autor (Foto sem crédito).

FG: Mas os filhos dele, que é Antônio Benedicto Amâncio Pereira...

FAR: Antônio Benedicto é neto dele.

FG: É, é neto dele. Foi meu professor. O Hariolus que é irmão dele...

FAR: Não, são netos dele.

FG: Os dois foram meus professores do Curso de Direito, e eram pretos...

FAR: Eram pretos...

FG: Interessante isso; e nunca tentaram esconder, nunca tentaram ser... nunca tentaram se “branquear”...

FAR: E o professor Amâncio Pereira, ele viveu na mesma época do Machado de Assis; eu o comparo ao Machado de Assis capixaba, sim, pela importância... Inclusive, já tem um artigo que fala sobre a questão do humor em Amâncio Pereira, enquanto que o Machado de Assis... [trecho incompreensível]. Eu acho que era a maneira que eles tinham de rir da época deles, de rir da sociedade deles, já que eles não podiam mudar aquele meio que eles viveram. Além do importante papel que ele teve como autor de teatro. Segundo Oscar Gama, e é verdade, ele é o primeiro escritor brasileiro a fazer uma peça de teatro para criança, 1915. Olha que coisa bacana!

FG: Ótimo, ótimo!

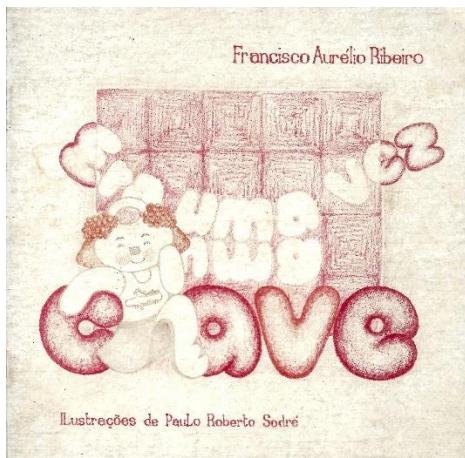
FAR: Então, essas coisas me dão muito alento.

FG: E por falar em criança, você escreveu muito para crianças. Esse Chico Aurelio que escreve para crianças é o Chico Aurelio crítico, é o Chico Aurelio cronista ou é um outro Chico Aurelio, cuja sensibilidade se aflora e é dirigida para essa Literatura Infantil?

FAR: Na verdade, Grijó, eu criei duas disciplinas na Ufes. Criei a disciplina de Literatura Infantil e criei a de Literatura do Espírito Santo. Então esse era os meus dois focos na época que eu entrei na universidade como professor. Primeira coisa, eu achava que a gente tinha que ler a literatura que estava sendo feita no Espírito Santo, naquele momento, porque eu constatava que era uma literatura que precisava ser lida. Isso aí foi importante na minha carreira de professor. E também a questão da Literatura Infantil, porque o Brasil estava vivendo também o boom da Literatura Infantil. Grandes autores surgiram na década de 70 e estouraram na década de 80: Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Joel Rufino e muitos outros. E aí acabei começando a minha carreira de escritor, na verdade, com a Literatura Infantil. O ano que vem faz... não, este ano agora faz 40 anos que eu publiquei meu primeiro livro, 1983.

FG: Qual foi?

FAR: Foi *Era uma vez uma chave*, por uma editora de Belo Horizonte, que era muito famosa, a Editora Miguilim; eu nunca, vamos dizer assim, batalhei para ser escritor para criança, não; foi uma coisa que surgiu a partir do momento que eu estava estudando a literatura do Espírito Santo e acabei, nos meus cursos de formação para professor, acabei produzindo também. Mas, olha, Grijó, eu considero a literatura para criança uma questão muito séria, uma literatura muito séria.



Capa do primeiro livro para criança, *Era uma vez uma chave*, de Francisco Aurelio Ribeiro, de 1983.

FG: Eu acho muito difícil.

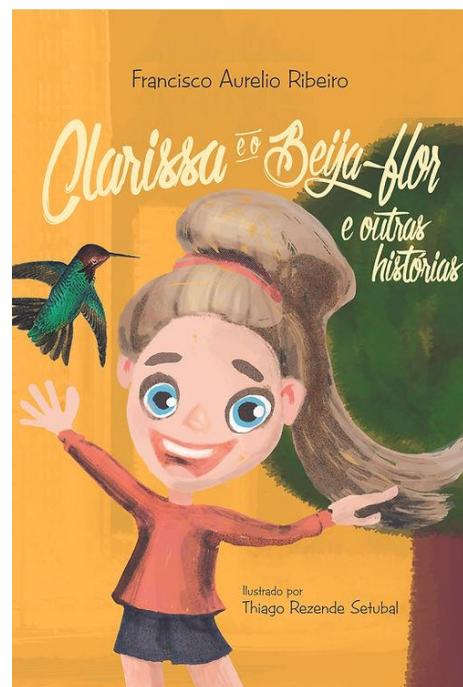
FAR: Muito sério e muito difícil. O que eu tenho observado é que a literatura não melhorou muito, a literatura para criança; pelo contrário, o escritor para criança ainda vê muito essa literatura como a literatura pasteurizada, uma literatura que tem que ser suavizada, como se houvesse o mundo para adulto, o mundo para criança, ou, então, o livro como instrumento de didática, instrumento de ensinamento. Então, eu pego, por exemplo, esse livro meu que foi premiado, que ganhou...

FG: Mostra aí pra gente.



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária* com Francisco Aurelio Ribeiro.

FAR: ... que ganhou o edital da Secult-ES, *Clarissa e o beija-flor*. Primeira coisa, as minhas histórias são sempre realistas; as crianças perguntam de onde é que vem a imaginação para escrever; eu falei “–Do mundo, vem do mundo em que eu vivo e que você vive também”. Minha netinha achou um filhotinho de beija-flor e resolveu criar esse filhotinho de beija-flor. Eu falei: “– Como é que você vai criar um filhote de beija-flor?”. Eu sou da roça, nasci na roça, já criei muito bichinho, passarinho em gaiola, na época que a gente podia ter, um melro em gaiola, mas nunca vi ninguém criar o filhote de beija-flor. E ela criou. Aqui [mostrando a fotografia da neta na contracapa do livro] tem ela com o filhotinho de beija-flor no dedinho, carregando pela casa. Só que eu tinha que prepará-la – ela tinha três aninhos –, eu tinha que prepará-la que esse beija-flor fazia parte de um outro mundo; ele não podia viver ali, ele tem que ir embora, ele tem que ir para a natureza. “– Não, vovô, ele é meu!”. “– Não é seu, você criou ele, porque ele caiu do ninho, a mãe não conseguiu levar para lá; você criou, mas ele tem que voltar para a natureza”. Euuento essa história; de uma certa maneira acho que é isso. As histórias para criança são para preparar as crianças para a realidade do mundo em que elas vivem. Então, eu falo da morte, eu falo das diferenças sociais, eu falo de tudo que eu falaria num conto que não fosse para criança. Tudo é uma questão de linguagem.



Capa do livro para criança premiado pela Secult-ES,
Clarissa e o beija-flor e outras histórias,
de Francisco Aurelio Ribeiro, de 2017.

FG: Eu sempre quis fazer essa pergunta para alguém e eu acho que você é a pessoa adequada. O que que você me diz desses textos clássicos que são adaptados para criança? A minha pergunta é: Você é favorável a isso? Você sente que isso é uma corrupção do clássico? O clássico deveria ser lido por pessoas mais velhas na época certa? O que que você acha de trazer o clássico para a criança e reestruturar a linguagem? O que que você pensa disso?

FAR: Grijó, eu já fiquei muito preocupado com isso, quando pegaram, por exemplo, Monteiro Lobato e começaram a reescrever Monteiro Lobato. Aí, eu falei: “– Meu Deus, Monteiro Lobato é tão recente, tem 100 anos que ele escreveu e já estão reescrevendo”. Walcyr Carrasco reescreveu Monteiro Lobato. Depois, eu fiquei pensando o seguinte: na verdade, o que está por aí é a intenção pedagógica, levar o clássico até a criança. Eu acredito que pode ser um recurso para que ela um dia leia o texto original, da mesma maneira quando a gente lê um texto de outra língua e a gente não sabe a língua original; você lê aquilo traduzido. Mas eu te pergunto: Até que ponto esse tradutor foi fiel, não é? Se

você lê um livro que foi escrito em francês ou inglês ou italiano ou russo, se você lê um Dostoevski que foi escrito em russo e agora você lê esse livro traduzido, você também não tá lendo o livro original, essa é uma adaptação...

FG: ...é uma adaptação.

FAR: A tradução também é uma adaptação. Adaptação à língua da pessoa que tá lendo. Então, nesse aspecto, eu acredito que tudo que leve à formação de um leitor integral é válido. Por exemplo, eu não sei se você viu, eles estão fazendo histórias em quadrinhos de clássicos...

FG: Sim, sim.

FAR: Você já viu a história em quadrinho do *Canaã*?

FG: Não, não vi, não, mas vi do *Cortiço*...

FAR: Agora você imagina um *Canaã*, que é um livro dificílimo de ler, um livro que tem uma linguagem de começo de século, bastante rebuscada...

FG: Expressionista, né?

FAR: É. E aí você pega o livro transformado em história em quadrinho. O que que eles pegam? Eles pegam o que é “quadrinável”, vamos dizer assim, e trazem isso para o adolescente. Eu fui a uma escola na semana passada, e os meninos estavam todos com história em quadrinhos na mão. Aí, o menino me perguntou: “– O que que o senhor acha da história em quadrinho?”. Eu falei: “– Olha, pra sua idade... Eu também gostava de ler história em quadrinho na sua idade; só espero que você consiga superar isso...”.

FG: É.

FAR: "Eu espero que um dia você consiga ler uma história que não seja em quadrinho". Então, acho que é por aí, sabe? A gente tem que ver essas tentativas como formas, vamos dizer assim, de se formar esse leitor que a gente gostaria tanto que houvesse.

FG: Chico, eu vou agradecer a você pela sua lucidez, cara, e pela sua clareza para falar; é invejável. Você tá de parabéns; foi um privilégio ouvir você aqui. Agradeço muito a sua participação, quero muito que você volte para a gente conversar sobre modernidade. Eu vou agendar com você para você voltar aqui, mas infelizmente o nosso tempo acabou. Eu agradeço demais sua participação, valeu mesmo. Se quiser falar alguma coisa...

FAR: Eu sugiro, Grijó, que, de repente, a gente pode voltar a falar, se você quiser, falar sobre literatura capixaba ou literatura do Espírito Santo – até o termo né? –, porque eu me dediquei muito a isso e hoje eu não tenho mais, vamos dizer, a oportunidade de divulgar isso para os meus alunos, porque nem para banca de Mestrado eles me chamam mais... Acho que já me consideram velho até para poder participar de banca... E também nem faço muita questão, sabe, Grijó? Porque aquele tipo de tema que está sendo discutido não me interessa. E eu tô numa fase da minha vida que hoje eu escolho o que eu quero ler, o que eu quero criticar, o que eu quero analisar.

FG: Ótimo! Obrigado, Chico. Valeu mesmo, muito obrigado!

FAR: Eu que agradeço, Grijó. Muito obrigado!

FG: Espero que você volte.

FAR: Também espero.

FG: Valeu, gente! Um grande abraço! Uma aula aqui com o professor Francisco Aurelio, meu xará. Um grande abraço a vocês todos.



Bate-papo com Francisco Aurélio Ribeiro



Prints da exibição do programa *Vitrine Literária*, de maio de 2023,
com entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Francisco Grijó.